

O punhado que media o mundo: o saber ribeirinho da minha avó

Roselma da Silva Feitosa Milani

Canaã dos Carajás, Pará, Brasil

roselma.milani@gmail.com

Graduada em Biologia

Universidade Vale do Acaraú (UVA)

Há saberes que não cabem em livro nenhum. Não porque sejam simples demais, mas porque são grandes demais, vastos como o rio, precisos como a maré, antigos como o silêncio que vem antes da chuva. Minha avó carregava esse tipo de saber. Ela nunca soube o nome difícil que os estudiosos deram a ele: Etnomatemática. Mas vivia esse conhecimento com uma naturalidade que envergonha qualquer teoria. Ela era ribeirinha. Nasceu à beira d'água e aprendeu que o mundo se mede com o corpo, com os olhos, com o tempo. Não com instrumentos de metal frio. A régua dela era a mão. A bússola era o sol. O almanaque era a lua cheia ou minguante pendurada sobre o Rio Xingu.

O punhado era sua unidade fundamental. Não era imprecisão, era calibração. As mãos dela, curtidas de trabalho e sol, tinham medida certa. Dez punhados de arroz para encher o tacho e dar conta de vinte e cinco bocas. Oito medidas d'água para o feijão não ressecar. Três punhados de farinha de puba para engrossar o caldo do peixe até virar pirão com sustância. Ela nunca errava. Nenhum prato faltou. Nenhum sabor saiu diferente.

A ciência da nutrição moderna levaria horas calculando calorias, proteínas, proporções em gramas. Minha avó chegava lá pela memória do corpo, pela repetição que se torna instinto, pelo conhecimento que passa de mão em mão, literalmente, entre gerações. O que ela dominava não era menos matemático por não ter sido escrito. Era uma matemática encarnada, viva, que pulsava no ritmo do dia.

Ela não precisava de relógio. O sol era o relógio. Ela sabia, pelo ângulo da luz que cortava o terreiro, se era hora de pôr o arroz ou de chamar as crianças do rio. Olhava para



cima com aquela calma de quem lê uma página conhecida e dizia: "Tá na hora do almoço." E estava. Sempre estava.

Não é magia. É geometria solar aprendida pela observação paciente ao longo de décadas. É o que os povos tradicionais desenvolveram muito antes de Galileu medir o tempo com pêndulos. A altura do sol no horizonte, a direção da sombra projetada no chão de terra batida, a temperatura do ar, tudo isso compunha um sistema de leitura do tempo tão confiável quanto qualquer cronômetro. A diferença é que esse sistema não precisa de pilha, não quebra, não atrasa.

As chuvas, ela lia pela lua. Lua com auréola, chuva na véspera. Lua nova com o chifre apontado para cima, sinal de tempo seco, a água fica represada no corno¹ da lua. Lua com o chifre virado para baixo, o corno derrama, vem chuva. Explicações que a meteorologia contemporânea, com seus satélites e modelos computacionais, confirma em substância: a posição e a fase lunar influenciam pressão atmosférica, umidade e padrões de precipitação. Minha avó não tinha o vocabulário técnico. Tinha o resultado correto.

Esse saber não era superstição. Era ciência acumulada por gerações de pessoas que dependiam do céu para sobreviver. Agricultores, pescadores, ribeirinhos, gente que não podia errar a plantação, nem a pescaria. O custo do erro era a fome. Então observavam, memorizavam, transmitiam. O rigor era outro, mas era rigor.

Quando o assunto era peixe, ela lia as águas. O movimento do rio era um texto. Água barrenta demais, os peixes descem. Água muito clara depois de dias encobertos, é hora do anzol. O redemoinho próximo à margem em certo ponto do rio significava que o fundo tinha estrutura, raiz submersa, pedra, tronco podre, e onde tem estrutura, tem sombra, e onde tem sombra, tem peixe parado esperando. Ela sabia onde lançar a tarrafa sem ver o fundo. Sentia o rio.

¹ A palavra "corno" vem do latim *cornu* (chifre/ponta). Na astronomia antiga e na poesia, as pontas finas da lua crescente sempre foram chamadas de "cornos da lua" (*cornua lunae*). Nesse texto a expressão designa as pontas ou cúspides.



A limnologia, ciência que estuda águas interiores, descreve com equações e gráficos o que minha avó descrevia com gestos e olhar. Turbidez, temperatura, oxigenação, comportamento de cardumes. Ela não usava esses termos. Mas habitava esse conhecimento com uma profundidade que poucos pesquisadores alcançam, porque ela não estudava o rio de fora. Ela vivia dentro dele.

A casa dela tinha quatro quartos e vinte e cinco pessoas. O único salário entrava pelo trabalho de vigia do meu avô na câmara municipal de São Félix do Xingu - PA. A mesa nunca foi curta. Isso não era milagre. Era gestão. Era matemática distributiva aplicada com maestria por uma mulher que nunca ouviu falar em planejamento financeiro.

Ela sabia quanto rendia cada real, antes mesmo de o real existir, ela já sabia quanto rendia cada cruzeiro. Sabia que a castanha-do-pará rende mais leite se você deixar de molho mais tempo. Sabia que o caldo esticado com água e engrossado com farinha alimenta tanto quanto a porção dobrada de carne. Sabia que a farinha de puba, diferente da farinha comum, tem uma textura que sustenta mais, que o pirão feito com ela atravessa a tarde inteira sem deixar ninguém com fome.

O matemático brasileiro Ubiratan D'Ambrosio cunhou o conceito de etnomatemática na década de 1970 para nomear exatamente isso: *o conjunto de práticas matemáticas desenvolvidas por grupos culturais específicos em resposta às suas necessidades concretas. Não é matemática inferior. É matemática diferente. Contextualizada, incorporada, funcional.*

O erro que a escola historicamente cometeu, e em muitos lugares ainda comete, foi apresentar a matemática como se ela tivesse nascido na Europa, em papel e quadro-negro, desvinculada de qualquer corpo ou território. Como se os povos que não seguiram esse caminho fossem matematicamente pobres. Minha avó desmentia essa narrativa todos os dias, só fazendo almoço.

Ela morreu sem saber que era sábia no sentido acadêmico da palavra. Nunca leu D'Ambrosio. Nunca precisou. A sabedoria dela não dependia de validação externa. Ela media punhados, lia o sol, consultava a lua, ouvia o rio, e o mundo respondia com exatidão.

Às vezes penso no quanto se perdeu quando essas formas de saber foram tratadas como primitivas, como coisa de gente sem instrução. Penso em quantas avós ribeirinhas morreram levando consigo sistemas inteiros de conhecimento que jamais foram escritos, jamais foram reconhecidos, jamais foram preservados. A etnomatemática como campo acadêmico existe para recuperar uma parte disso. Mas a maior parte já foi com o rio.

Minha avó media o mundo com as mãos. E o mundo, na mão dela, sempre dava certo.



O punhado que media o mundo: o saber ribeirinho da minha avó

The handful that measured the world: my grandmother's riverine knowledge

El puñado que midió el mundo: el saber fluvial de mi abuela

Resumo

Crônica sobre o saber matemático ribeirinho de uma avó às margens do Rio Xingu que, sem acesso à escola formal, dominava um sistema preciso de medidas, leitura do tempo solar e lunar, e gestão de recursos. A partir da memória afetiva, o texto articula esse conhecimento ancestral com o conceito de etnomatemática de D'Ambrosio, argumentando que práticas como o punhado como unidade de medida, a leitura das águas e a gestão doméstica com escassez constituem matemática encarnada, funcional e rigorosa.

Palavras-chave: Etnomatemática. Saber ribeirinho. Conhecimento ancestral. Transdisciplinaridade. D'Ambrosio.

Abstract

Chronicle about the riverside mathematical knowledge of a grandmother from the Xingu River who, without access to formal schooling, mastered a precise system of measurements, solar and lunar time reading, and resource management. Drawing on affective memory, the text articulates this ancestral knowledge with D'Ambrosio's concept of ethnomathematics, arguing that practices such as the handful as a unit of measure, reading the waters, and domestic management under scarcity constitute embodied, functional, and rigorous mathematics.

Keywords: Ethnomathematics. Riverside knowledge. Ancestral knowledge. Transdisciplinarity. D'Ambrosio.

Resumen

Crónica sobre el saber matemático ribereño de una abuela del Río Xingu que, sin acceso a la escuela formal, dominaba un sistema preciso de medidas, lectura del tiempo solar y lunar, y gestión de recursos. A partir de la memoria afectiva, el texto articula ese conocimiento ancestral con el concepto de etnomatemática de D'Ambrosio, argumentando que prácticas como el puñado como unidad de medida, la lectura de las aguas y la gestión doméstica en la escasez constituyen una matemática encarnada, funcional y rigurosa.

Palabras clave: Etnomatemática. Saber ribereño. Conocimiento ancestral. Transdisciplinariedad. D'Ambrosio.

